

Percepção de estudantes da saúde sobre a doação de órgãos no Brasil: uma revisão integrativa

Health students' perception of organ donation in Brazil: an integrative review

Percepción de los estudiantes de salud sobre la donación de órganos en Brasil: una revisión integradora

Recebido: 11/03/2022 | Revisado: 21/03/2022 | Aceito: 28/03/2022 | Publicado: 03/04/2022

Letícia Menezes Dias

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4076-8247>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: lelediazz@gmail.com

Mônica Santos de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7279-3498>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: monicameloseabra@yahoo.com

Gabriela Neves Costa Leão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3935-8424>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: gabrielaleao.med@gmail.com

Iago Vinícius Odara do Nascimento Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8983-5589>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: iagoharaujo@gmail.com

Makson Gleydson Brito de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3668-012X>
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
E-mail: makson_gbo@hotmail.com

Resumo

A doação de órgãos acarreta benefícios imensuráveis para o receptor, sendo, por vezes, a única alternativa para determinadas enfermidades. O Brasil, por sua vez, possui o maior sistema público de transplantes do mundo e vinha apresentando um incremento na taxa de doadores até a pandemia pela Covid-19. Contudo, é notório que o país tem condições de melhorar ainda mais os números de transplantes realizados e a educação em saúde sobre o tema, quando bem executada e difundida, interfere positivamente no processo. A partir disso objetivou-se realizar uma revisão integrativa da literatura para compreender a percepção de discentes de graduações da área de saúde sobre a doação de órgãos no Brasil. As bases de dados científicas utilizadas foram PubMed, LILACS, BDNF e SciELO, das quais foram selecionados artigos a partir das palavras-chave e seus correspondentes em inglês “estudantes/students” e “doação de órgãos/organ donation”, com o operador booleano “AND” durante o período de novembro de 2021 a janeiro de 2022. A busca resultou em 426 artigos, sendo 380 no PubMed, 28 na LILACS, 10 na BDNF e 8 na SciELO, e a seleção final formada por 14 publicações. A partir da análise dos artigos selecionados, entende-se que os estudantes das áreas da saúde possuem uma visão positiva acerca da doação de órgãos e tecidos e têm intenção de doar seus órgãos, apesar da evidência de lacunas de conhecimento e estigmas socioculturais que circundam o tema.

Palavras-chave: Obtenção de tecidos e órgãos; Estudantes; Percepção.

Abstract

Organ donation brings immeasurable benefits to the recipient, being sometimes the only alternative for certain diseases. Brazil, in turn, has the largest public transplant system in the world and had been showing an increase in the rate of donors until the Covid-19 pandemic. However, it is clear that the country is able to further improve the numbers of transplants performed and health education on the subject, when well implemented and disseminated, positively interferes in the process. From this, the objective was to carry out an integrative review of the literature to understand the perception of undergraduate students in the health area about organ donation in Brazil. The scientific databases used were PubMed, LILACS, BDNF and SciELO, from which articles were selected from the keywords and their corresponding words in English “estudantes/students” and “doação de órgãos/organ donation”, with the boolean operator “AND” during the period from November 2021 to January 2022. The search resulted in 426 articles, 380 in PubMed, 28 in LILACS, 10 in BDNF and 8 in SciELO, and the final selection consisted of 14 publications. From the analysis of the selected articles, it is understood that students in the health areas have a positive view of

organ and tissue donation and intend to donate their organs, despite the evidence of knowledge gaps and sociocultural stigmas that surround the theme.

Keywords: Tissue and organ procurement; Students; Perception.

Resumen

La donación de órganos aporta incommensurables beneficios al receptor, siendo en ocasiones la única alternativa para determinadas enfermedades. Brasil, a su vez, tiene el sistema público de trasplantes más grande del mundo y venía mostrando un aumento en la tasa de donantes hasta la pandemia de la Covid-19. Sin embargo, es claro que el país está en condiciones de mejorar aún más los números de trasplantes realizados y la educación en salud sobre el tema, bien implementada y difundida, interfiere positivamente en el proceso. A partir de eso, el objetivo fue realizar una revisión integradora de la literatura para comprender la percepción de los estudiantes de graduación en el área de la salud sobre la donación de órganos en Brasil. Las bases de datos científicas utilizadas fueron PubMed, LILACS, BDNF y SciELO, de las cuales se seleccionaron artículos a partir de las palabras clave y sus correspondientes en inglés “estudiantes/students” y “doação de órgãos/organ donation” con el operador booleano “AND” durante el período de noviembre de 2021 a enero de 2022. La búsqueda resultó en 426 artículos, 380 en PubMed, 28 en LILACS, 10 en BDNF y 8 en SciELO, y la selección final estuvo conformada por 14 publicaciones. Del análisis de los artículos seleccionados, se entiende que los estudiantes de las áreas de salud tienen una visión positiva de la donación de órganos y tejidos y pretenden donar sus órganos, a pesar de evidenciar lagunas de conocimiento y estigmas socioculturales que rodean el tema.

Palabras clave: Obtención de tejidos y órganos; Estudiantes; Percepción.

1. Introdução

Doar órgãos é uma ação que acarreta um benefício incalculável na vida do receptor, proporcionando melhor qualidade de vida e sobrevivência podendo, inclusive, ser a única solução para certas enfermidades (Roza & Schirmer, 2021). Logo, é imprescindível que os profissionais de saúde envolvidos com o processo de identificação do potencial doador, captação de órgãos e o transplante tenham uma maior conscientização acerca da importância da doação de órgãos visto que ela decorre da confiabilidade da população nesse processo (Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, 2020). O transplante, por sua vez, é uma intervenção cirúrgica que repõe um órgão ou tecido do receptor por outro oriundo de um doador. Esse doador pode ser vivo ou falecido. Nesse último caso, são pacientes em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) ou em demais unidades hospitalares que possuem suporte terapêutico com diagnóstico de morte encefálica (ME), que é um quadro irreversível e incompatível com a vida (Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul, 2018).

Vale ressaltar que órgãos e tecidos como os rins, coração, pulmão, pâncreas, fígado, intestino, córneas, válvulas, ossos, músculos, tendões, pele, veias e artérias estão elegíveis para doação. No caso de doador vivo, apenas um dos rins e parte do fígado, medula ou pulmão podem ser doados (Roza & Schirmer, 2021).

O Brasil possui o maior sistema público de transplantes do mundo, sendo o Sistema Único de Saúde (SUS) o responsável por cerca de 96% dos procedimentos efetuados no território nacional. O programa é bastante consolidado, conta com apoio público e acompanhou uma ascensão da taxa de notificação de potenciais doadores no ano de 2021, apesar de a efetividade de doadores em si ter sido 17% menor em relação ao ano de 2019 (Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, 2021b), quando o panorama brasileiro refletiu um quadro positivo, com incremento de 6,5% na taxa de doadores efetivos, apesar de ser um número inferior ao que foi previsto em 2016. (Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, 2019).

Em 2020, quando o mundo foi surpreendido com a pandemia pela Covid-19, que resultou, inclusive, numa maior taxa de mortalidade e letalidade entre os pacientes transplantados de órgãos, o país permaneceu sendo o segundo maior do mundo em números absolutos de transplantes, ficando atrás somente dos Estados Unidos da América, apesar de ocupar a 26ª lugar em relação ao número de doadores efetivos por milhão de população, sendo a Espanha o país da liderança do ranking. Houve queda principalmente de procedimentos eletivos de transplante renal com doador vivo e de córneas, já que passaram por períodos de suspensão. As regiões Nordeste e Norte foram as que mais sofreram com as reduções de doadores efetivos, visto que o impacto nacional foi variável. Em geral, também se observou crescimento nas listas de espera dos órgãos e diminuição

do ingresso nessas listas (ABTO, 2020).

A pandemia, como já abordada, acarretou em transformações nos protocolos do sistema de saúde como por exemplo nas mudanças de contraindicação do transplante, número que se elevou de 15% no ano de 2019 para 24% no ano de 2021. Todavia, o número de notificações de potenciais doadores alcançou a maior taxa já vista. Os transplantes hepático e renal sofreram queda de 2% em relação a 2020, enquanto o transplante cardíaco elevou em 7% seu número, apesar de seguir abaixo do obtido em 2019, assim como o pulmonar, com aumento de 33% (ABTO, 2021b).

Com os dados supracitados, é observado que o país tem potencial de melhorar seus números. A educação médica é, sem dúvida, um fator de relevância ao criar profissionais que lidarão com potenciais doadores e receptores. E há, infelizmente, evidências na literatura que apontam que esse conhecimento ainda não seja o ideal, em virtude da própria dificuldade no diagnóstico de morte encefálica como também no cuidado e manutenção do doador, sendo de responsabilidade profissional médica a doação de órgãos e disseminação de informações a respeito (Amaral, Roza, Galvão, Jardim & Medina-Pestana, 2002). Sendo assim, existe uma provável correlação que isso seja notado na comunidade acadêmica, como uma limitação do ensino que se reflete posteriormente na prática profissional (Galvão *et al.*, 2007).

A enfermagem e os profissionais da equipe multiprofissional, relacionados à doação e transplante de órgãos e tecidos, também desempenham papel importante, desde a identificação e suporte prestado ao potencial doador, como também na comunicação familiar que pode interferir na aceitação ou não do processo de doação de órgãos (Silva *et al.*, 2020). A universidade, então, tem o papel de construir com qualidade o nível teórico-prático dos seus discentes, com a responsabilidade de formar cidadãos com valores cívicos, que além de possuírem conhecimento técnico necessário, hajam de modo socialmente pertinente (Sobrinho, 2015).

Sabe-se da necessidade do conhecimento sobre a doação de órgãos e sua importância desde a graduação. E ao tentar dimensionar o nível de conhecimento dessa população, pode-se sinalizar a necessidade de aprofundamentos do tema a fim de reduzir o número de recusa para a doação de órgãos e tecidos (Souza *et al.*, 2020). Portanto, esse estudo buscou compreender a percepção de discentes de graduação da área de saúde sobre a doação de órgãos no Brasil.

2. Metodologia

Esse estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, um instrumento da Prática Baseada em Evidências, caracterizada por identificar, analisar e sintetizar dados de estudos independentes sobre o mesmo assunto, construída a partir de sete fases: elaboração da pergunta norteadora, identificação de critérios de inclusão e exclusão de pesquisas, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e, por fim, apresentação do trabalho final (Hermont, Zina, Silva, Silva & Martins-Júnior, 2021). Para guiar esse trabalho, formulou-se a seguinte pergunta: Qual o panorama nacional de conhecimento, atitude e juízo de discentes de graduação na área da saúde sobre a doação de órgãos?

Por meio das seguintes bases de dados científicas: Público/editora MEDLINE (PubMed), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), foram selecionados artigos a partir das palavras-chave e seus correspondentes em inglês “estudantes/students” e “doação de órgãos/organ donation”, com o operador booleano “AND”.

Foram utilizados como critério de inclusão artigos publicados entre os anos 2007 e 2022, nos idiomas português, inglês e espanhol, disponíveis na íntegra e de acordo com a metodologia acima descrita. Por sua vez, foram excluídos os que tangenciaram o tema a ser discutido, não foram desenvolvidos em território nacional com estudantes brasileiros, não estavam disponíveis de forma gratuita para leitura online na íntegra e os artigos em duplicidade.

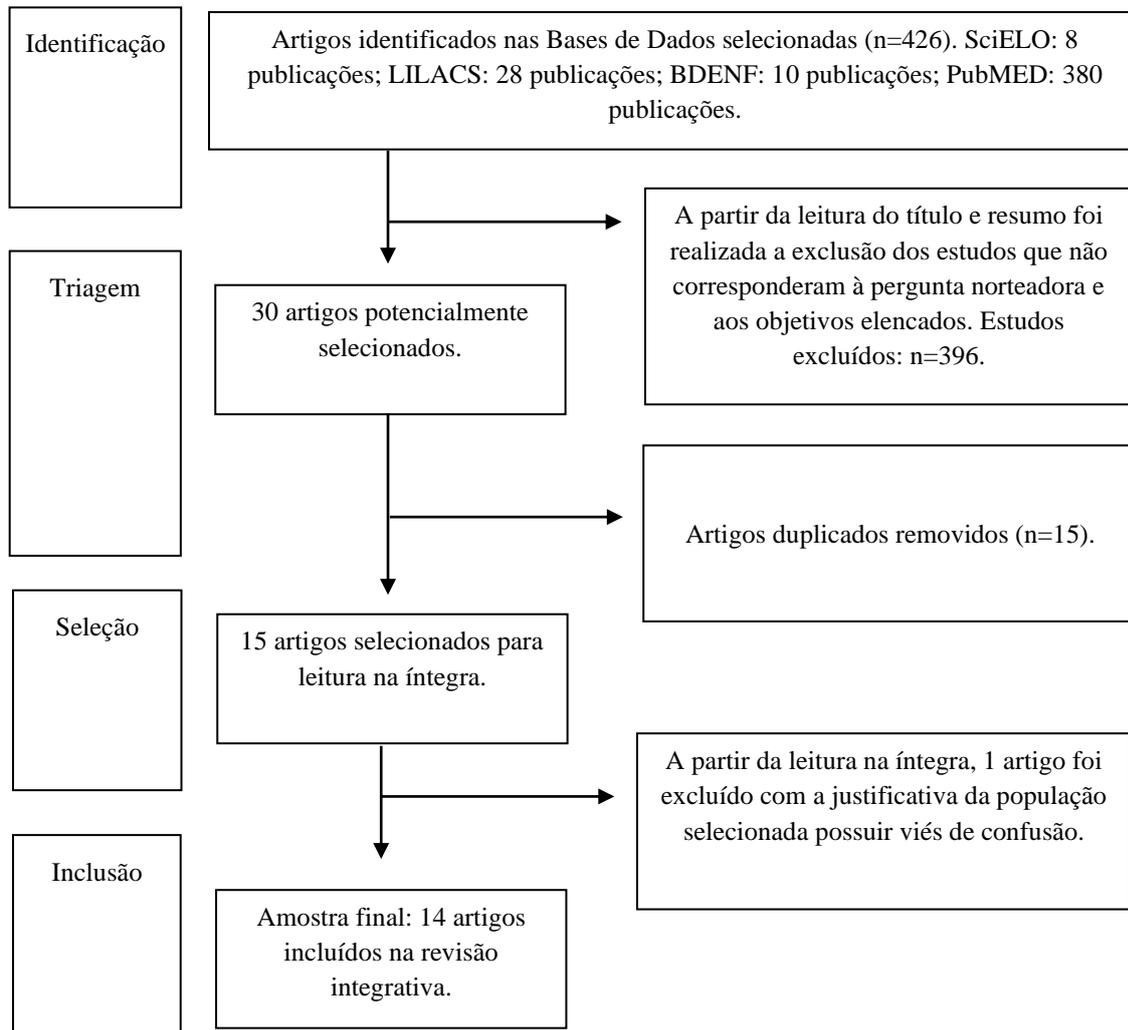
3. Resultados

Como resultado da busca, foram identificadas 426 publicações, sendo 380 delas no PubMed, 28 na LILACS, 10 na BDENF e 8 na SciELO. Essas foram submetidas à leitura de título e resumo, sendo excluídos os artigos duplicados e os que não correspondiam ao objetivo desta revisão, resultando em 15 artigos. Os trabalhos selecionados foram lidos na íntegra e um deles foi excluído, pois a população estudada apresentava viés de confusão, o que poderia implicar de forma negativa a análise realizada. Dessa maneira, esta revisão integrativa é formada por 14 artigos que respondem ao questionamento proposto e ao objetivo elencado (Figura 1).

Dos artigos selecionados, 12 estavam disponíveis para leitura na íntegra em português e 2 em inglês. Não foi encontrado artigo em espanhol que se adequasse ao estudo. Em termos de regionalidade, 6 artigos foram desenvolvidos em universidades do Sudeste brasileiro, 4 do Nordeste, 2 do Centro-Oeste e 2 do Sul, não havendo, portanto, estudos avaliando os estudantes do Norte do país. Quanto ao tipo de estudo, a maioria trata-se de estudos transversais, observacionais e quantitativos, sendo apenas 4 pesquisas qualitativas.

Com relação aos estudantes, há um número maior de pesquisa com os graduandos do curso de medicina (8 artigos), seguido dos discentes do curso de enfermagem (7 artigos). Apenas um artigo abordou também alunos das áreas de fonoaudiologia, fisioterapia e nutrição. É importante frisar que dentre eles, há 1 artigo que aborda conhecimento de médicos professores, outro que também aborda estudantes de psicologia e serviço social, duas áreas das Ciências Humanas, e por último um que também avalia estudantes de nível técnico em enfermagem. Dessa maneira, os dados referentes a esses grupos não foram extraídos nem avaliados.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos artigos.



SciELO: Scientific Electronic Library Online; LILACS: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde; BDENF: Base de Dados em Enfermagem (BDENF); PubMed: Público/editora MEDLINE; n: número da amostra. Fonte: Adaptado de Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman e PRISMA Group (2009).

Para melhor análise dos dados coletados e agrupamento dessas informações, foi elaborado um instrumento composto por título, autores, ano de publicação, metodologia empregada e principais resultados (Tabela 1).

Tabela 1: Características gerais dos artigos incluídos nessa revisão.

Título	Autores e ano de publicação	Método	Principais resultados
Conhecimento e opinião de estudantes de medicina sobre doação e transplante de órgãos.	Galvão <i>et al.</i> , 2007.	Estudo analítico-descritivo.	Houve atitude positiva em relação ao tema doação de órgãos e indicativo de acúmulo de informações durante a graduação, embora grande maioria tenha declarado conhecimento ruim, regular ou péssimo.
Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre a doação de órgãos e tecidos.	Moura, Souza & Ribeiro, 2011.	Estudo descritivo de abordagem qualitativa.	Há falta de conhecimento sobre o processo de doação de órgãos. Como fator favorável, tem-se o propósito de salvar vidas e como empecilhos religião, falta de conhecimento e credibilidade no programa responsável.
Estudantes de Medicina da UFJF e doação de órgãos para transplante.	Neto, Sirimarco, Delgado, Lara & Lima, 2012.	Estudo observacional transversal.	Os estudantes em sua maioria (57,1%), afirmam conhecimento insatisfatório sobre doação de órgãos. 85,4% manifestaram intenção de doar seus órgãos e 58,5% já comunicaram esse interesse a terceiros. 94,2% seriam doadores intervivos. Mulheres demonstram atitude positiva maior em doar seus órgãos, seja após a morte ou no transplante intervivos.
Morte encefálica e transplante de órgãos e tecidos: o entendimento dos alunos do curso de Medicina.	Reis <i>et al.</i> , 2013.	Estudo descritivo de delineamento transversal.	O nível de conhecimentos dos estudantes avaliados é limitado, mas há evidência de melhora do mesmo ao longo dos anos da graduação. Há percentual relevante de alunos com postura de excluir usuários de drogas (33,7%) e etilistas (24,6%) da lista de espera para transplante.
Aspectos éticos e legais da doação de órgãos e tecidos: visão dos estudantes de enfermagem.	Freire <i>et al.</i> , 2015.	Estudo descritivo e transversal.	Há desejo e opinião favorável à doação de órgãos por parte dos estudantes e há um desconhecimento sobre o tema especialmente no que tange às características do doador vivo e sobre critérios de ME*.
Aspectos éticos dos transplantes de órgãos na visão do estudante de medicina: um estudo comparativo.	Santos <i>et al.</i> , 2016.	Estudo descritivo-analítico, observacional, de corte transversal.	Há pouco conhecimento técnico sobre o tema e não houve diferenças significativas de conhecimento entre os grupos estudados. Com relação aos aspectos éticos avaliados, algumas situações antiéticas foram observadas.
Doação de órgãos: uma perspectiva de graduandos de enfermagem.	Bispo, Lima & Oliveira, 2016.	Pesquisa mista, predominantemente qualitativa.	Há falta de esclarecimento sobre o assunto, inclusive no que tange à legislação, apesar de resultado positivo no quantitativo de estudantes interessados em ser doadores com o propósito de manutenção da vida.
Intenção de doar órgãos em estudantes de enfermagem: influência do conhecimento na decisão.	Costa <i>et al.</i> , 2018.	Estudo descritivo-exploratório e quantitativo.	Os estudantes, em sua maioria, responderam corretamente as indagações sobre os conceitos para se tornar doador e os critérios da ME*, apesar de considerarem seu conhecimento como regular (48,8%). A intenção de se tornar doador e doar órgãos de parentes é bastante positiva e a segurança em tratar do tema é mais visualizada ao longo da graduação, especialmente em alunos na segunda metade do curso.
Aspectos éticos e legais da morte encefálica conhecidos por estudantes de enfermagem.	Heliodoro & Rosa, 2019.	Pesquisa qualitativa.	Os graduandos demonstram ter conhecimento técnico e ético sobre o processo de doação de órgãos, desde a identificação da ME* até a retirada dos órgãos, valorizando a autonomia da família durante o acontecimento.
Knowledge of medical students on organ donation.	Sampaio, Fernandes & Kirsztajn, 2020.	Estudo transversal.	Há baixa exposição dos graduandos ao tema, 63,7% responderam corretamente quais os órgãos que podem ser doados em vida e 61,8% quais podem ser doados após a ME*.
Percepção de estudantes e médicos sobre autonomia na doação de órgãos.	Moraes, Trevisan, Carvalho, Steffani & Bonamigo, 2020.	Pesquisa quantitativa, descritiva, observacional, exploratória e transversal.	A pesquisa sugere que há aumento de oportunidade de discussão do tema em questão durante os ciclos na universidade. A maioria é favorável à doação de órgãos e defende que o doador manifeste vontade em vida, o que leva a crer que uma alteração na legislação vigente contribuiria com aumento no número de doadores.

Processo de doação e transplante de órgãos e tecidos: conhecimentos de acadêmicos de enfermagem, psicologia e serviço social.	Musa, Silveira, Rocha & Treviso, 2020.	Estudo de campo, exploratório, descritivo, prospectivo e quantitativo.	Os discentes demonstraram conhecimento acerca do tema, contudo alguns tópicos evidenciaram dúvidas, especialmente em relação aos órgãos que podem ser doados em vida e após a morte.
Attitude and knowledge of medical students toward donation after circulatory death.	Martino <i>et al.</i> , 2021.	Estudo analítico-descritivo.	Os alunos intitulam-se portadores de conhecimento sobre morte encefálica, mas menos da metade respondeu corretamente as indagações relacionadas. A grande maioria é a favor da doação após morte encefálica, contudo não quando se trata de morte circulatória.
Opiniões de estudantes de saúde sobre a doação de órgãos e tecidos para transplante.	Souza, Souza, Matsui, Pimentel & Santos, 2022.	Estudo qualitativo que possui desenho de análise documental.	Os estudantes são favoráveis à doação de órgãos e tecidos. Fica expressa a necessidade de embasar o conhecimento dos discentes de cursos da saúde sobre o assunto para que haja desmistificações e prestação de assistência qualificada.

*ME: morte encefálica. Fonte: Autores (2022).

4. Discussão

A doação de órgãos e, por consequência, a realização do transplante configuram-se como um ato social, dependente da decisão familiar e que ainda, na grande parte das vezes, é financiado pelo SUS (Agência Senado, 2021). Compreender a dimensão do processo de doação e valorizar o conhecimento e, até mesmo, permitir uma análise mais acurada acerca do tema transplantes ainda na universidade têm valor bastante significativo, clarificando o conhecimento a respeito do mesmo. (Souza *et al.*, 2022). Além disso, é mister a compreensão do que limita a aceitação da doação de órgãos para que a fila de espera por um transplante alcance uma redução significativa (Passos *et al.*, 2020).

Há uma preocupação formal em suprir a demanda de órgãos no território brasileiro. Causas que podem ser responsabilizadas por diminuir a captação é a própria falha na identificação e manutenção do doador elegível, bem como a ausência do diálogo ou sua realização de maneira não adequada com a família, responsável por decidir sobre a autorização da remoção e posterior doação de órgãos. E em ambientes de Terapia Intensiva, tem-se ainda a alta relevância do profissional médico, com papel fundamental no diagnóstico da ME, além dos enfermeiros com papel de extrema relevância (Central Estadual de Transplantes de Goiás, 2018). Na UTI, primordialmente, é de suma importância que os diversos profissionais que lidam direta ou indiretamente com a identificação, manutenção e acolhimento, tenham conhecimento técnico e atitudes éticas perante o binômio família-paciente, para que todos os passos sejam realizados de forma efetiva e sejam minimizadas as dificuldades relacionadas ao processo da doação, ao diagnóstico de ME e à manutenção e suporte ofertados ao potencial doador (Silva *et al.*, 2020; Koerich *et al.*, 2021).

Pesquisa recente desenvolvida no ano de 2020 no estado do Rio Grande do Sul, com a participação de 406 pessoas e com o objetivo primordial de avaliar o conhecimento e a aceitação dos brasileiros sobre a doação de órgãos e o diagnóstico de ME, apontou que 93,1% dos seus participantes declararam-se favoráveis à doação de seus órgãos após a morte, mas que o tema ainda é permeado por dúvidas e tabus e que o mesmo deveria ser mais elucidado nas mídias televisivas ou em fóruns educacionais, por exemplo (Souza *et al.*, 2020). Esse resultado corrobora com os dados extraídos por este estudo, já que na grande maioria das populações elencadas, os graduandos da área da saúde são a favor da doação e se declaram doadores de órgãos, apesar do conhecimento acerca do tema ainda ser, em geral, insuficiente (Galvão *et al.*, 2007; Moura, *et al.*, 2011; Neto *et al.*, 2012; Freire *et al.*, 2015; Santos *et al.*, 2016; Costa, Angelim, Lira, Marinho & Fernandes, 2018; Moraes, *et al.*, 2020).

A revisão mostrou um elevado número de estudantes do curso de medicina interessados e dispostos a doar seus órgãos, tanto quando confrontados à doação *post mortem* quanto em vida, alcançando maioria em todas as avaliações (Galvão *et al.*, 2007; Neto *et al.*, 2012; Santos *et al.*, 2016; Moraes, *et al.*, 2020). Nem todas as pesquisas estratificaram os discentes em períodos ou anos cursados, e as que fizeram isso obtiveram um menor índice de respostas dos alunos nos dois últimos anos de

curso, o que corresponde ao estágio/internato. A partir dessa divisão, não foi encontrada diferença estatisticamente relevante em relação ao período e o desejo de doar (Galvão *et al.*, 2007; Neto *et al.*, 2012). Contudo, Santos e colaboradores (2016), em sua pesquisa realizada em uma Universidade de Salvador, no estado da Bahia, mostraram diferença estatisticamente significativa para atitude mais favorável de doação de órgãos com o avançar dos períodos cursados na graduação.

Com os estudantes de enfermagem, também foi observada atitude positiva com relação ao desejo de se tornar doador de órgãos (Moura, *et al.*, 2011; Freire *et al.*, 2015; Costa, *et al.*, 2018). No entanto, Bispo, Lima e Oliveira (2016) avaliaram uma população em que apenas 30% declararam-se interessados em doar seus órgãos após a morte. Os que não se declararam doadores, justificaram sua decisão por falta de conhecimento e medo do comércio de órgãos, sendo que a maioria (79%) dos entrevistados indicou não conhecer a legislação brasileira ou conhecê-la de forma superficial. É importante frisar que o comércio de órgãos, tecidos e partes do corpo é eminentemente proibido na Constituição Federal Brasileira estando expresso de forma objetiva na Lei nº 9434 de 4 de fevereiro de 1997 (Lei n. 9434, 1997).

O único estudo incluído nessa revisão que contou com a participação de alunos das áreas de fonoaudiologia, fisioterapia e nutrição, por se tratar de pesquisa qualitativa, não apresentou dados numéricos para que o objetivo de doar ou não os órgãos fosse analisado de maneira mais objetiva, não sendo, portanto, possível sua comparação de maneira efetiva com os dois grupos anteriormente abordados: discentes dos cursos de enfermagem e medicina. Apesar disso, o estudo indicou uma visão favorável do grupo sobre o tema e evidenciou a realização da mesma em função da solidariedade, empatia e amor ao próximo. O trabalho abordou também a importância da implementação de ações com intuito de educar, esclarecer e permitir, então, a discussão para desmistificar tabus construídos primordialmente pela falta de conhecimento (Souza *et al.*, 2022).

A busca nas bases de dados não identificou artigos relacionando o tema com outros cursos de graduação na área da saúde como Educação Física, Farmácia, Terapia Ocupacional e Odontologia. Esse fato pode indicar uma possível falha no Plano Político Pedagógico dos cursos, refletindo assim na ausência da abordagem educacional sobre a doação de órgão pelas instituições formadoras. Segundo o Conselho Federal de Medicina, os recursos humanos indispensáveis na UTI são profissionais da área médica, de enfermagem (incluindo o técnico) e de fisioterapia. Devendo outros profissionais da equipe multiprofissional, prestarem assistência de acordo com a necessidade individual de cada paciente (Resolução n. 2271, 2020), explicitando, dessa maneira, que odontólogos, farmacêuticos, fonoaudiólogos, nutricionistas e terapeutas ocupacionais também podem entrar em contato com pacientes em ME e, conseqüentemente, doadores de órgãos.

A relevância do conhecimento na decisão de doar órgãos foi frequentemente relatada nos estudos selecionados. Em termos de conhecimento autorreferido fica evidente que os estudantes julgam tê-lo de maneira insuficiente (Galvão *et al.*, 2007; Neto *et al.*, 2012; Reis *et al.*, 2013; Santos *et al.*, 2016; Costa *et al.*, 2018; Martino *et al.*, 2021) e algumas pesquisas indicam dúvida sobre quais órgãos podem ser doados em vida (Santos *et al.*, 2016; Musa *et al.*, 2020; Sampaio *et al.*, 2020) ou após a morte (Musa *et al.*, 2020; Sampaio *et al.*, 2020). Em relação aos órgãos que podem ser doados, o rim é o líder, seguido por fígado, coração, pâncreas e pulmão, os quais são órgãos sólidos. E com relação a tecidos, há dominância de transplantes de córneas, tendência apresentada e mantida já há alguns anos (Associação Brasileira de Transplante de Órgãos, 2021). Com relação ao transplante de células, a medula óssea também é frequentemente transplantada. Entre janeiro e setembro de 2021 foram transplantados via doador vivo apenas fígado e rim (ABTO, 2021).

No quesito valorização do tema e concordância que ele deve ser assunto de graduação, os dados de diferentes trabalhos não parecem discrepantes, havendo maioria em todos os estudos analisados (Galvão *et al.*, 2007; Neto *et al.*, 2012; Santos *et al.*, 2016; Martino *et al.*, 2021). Sabe-se da importância do tema na construção do profissional, mas de fato há a dificuldade de abordar o tema ME desde a graduação diante do próprio tema morte em si ser ainda um tabu, o que implica numa posterior dificuldade profissional, visto que a formação acadêmica nas áreas da saúde ainda é centrada no tratar e curar (Lysakowski & Menin, 2019). Há uma associação estatística no estudo pernambucano com estudantes de enfermagem que

indica uma relação duas vezes maior em discentes que compreendem ME serem doadores de órgãos (Costa *et al.*, 2018). Corroborando com esses dados, uma pesquisa realizada com médicos e enfermeiros de dois hospitais do Rio de Janeiro também relatou que profissionais que se autoavaliaram com maior nível de experiência e conhecimento foram mais favoráveis à doação (Araujo & Siqueira, 2016).

Diversos trabalhos trouxeram a religião como fator a ser relacionado na decisão de doar ou não os órgãos (Bispo *et al.*, 2016; Santos *et al.*, 2016; Costa *et al.*, 2018; Martino *et al.*, 2021). A influência da religião parece sofrer redução em períodos mais avançados, visto que Santos e colaboradores (2016) encontraram diferença estatisticamente significativa ao comparar a opinião de estudantes de 1º e os de 4º ano de uma mesma unidade de ensino. Há também a impressão que determinadas religiões proíbem a doação de órgãos (Bispo *et al.*, 2016; Santos *et al.*, 2016). Contudo, uma revisão integrativa da literatura chegou à conclusão, apesar de ter como limitação a literatura escassa principalmente no que tange publicações brasileiras sobre o tema, de que não há de fato alguma que proíba de forma absoluta, mas que há dificuldade no entendimento e aceitação de ME e presença da ideia de mutilação do corpo do doador, o que pode dificultar o consentimento da doação. (Ferrazo, Vargas, Mancianca & Ramos, 2011). Isso leva a crer que avaliar a influência da religião na tomada de decisão é algo muito mais complexo do que avaliar os preceitos em si, o que pode explicar dois estudos nos quais a religião não impactou na doação de órgãos (Costa *et al.*, 2018; Martino *et al.*, 2021).

No Brasil, documentos formais escritos em vida para registrar o desejo de doação de seus órgãos, que poderia ser feito por Diretivas Antecipadas de Vontade (DAV), não têm valor. Dessa maneira, Moraes e colaboradores e Sampaio e colaboradores (2020) encontraram que as suas populações, em grande maioria, não os possuíam, apesar de indicarem tendência de adesão desses documentos caso eles fossem regulamentados e aceitos (Moraes, *et al.*, 2020; Sampaio *et al.*, 2020). Sendo válido lembrar que apesar de já ter ocorrido doação presumida no Brasil, a mesma não logrou êxito e desde a Lei nº 10211 do ano de 2001 o que vigora é a doação consentida, na qual o cônjuge ou parente de até segundo grau, respeitando a linha sucessória, é o responsável pela autorização ou não da doação dos órgãos (Lei n. 10211, 2001). O Conselho Federal de Medicina (CFM), em 2012, dispôs sobre as DAV, e as regulamentou com relação a desejos do paciente frente a cuidados e tratamentos ofertados quando o mesmo não puder, de forma autônoma, expressar sua vontade. Lembrando que, se houver algum desejo que não esteja em harmonia ao Código de Ética Médica, ele não será acatado (Resolução n. 1995, 2012).

Dessa maneira, observa-se que a comunicação à família sobre o desejo de ser ou não doador de órgãos é de extrema importância, afinal ela que vai decidir e autorizar ou não a doação. Em pesquisa transversal realizada em um Hospital Universitário de São Paulo, que contou com a participação de 42 famílias dentre as 182 que não autorizaram a doação de órgãos do ente falecido, apresentou que 64% desses entrevistados não sabia se o falecido tinha ou não a intenção de doar seus órgãos. E como se tratou de entrevista posterior à decisão, também foi observada uma tendência de hoje (tempo da entrevista) mudarem a decisão e autorizarem a doação, sendo maior o percentual do grupo que conhecia o desejo da doação do ente querido, dado com significância estatística. Os fatores comumente identificados relacionados à recusa são o não entendimento sobre ME, crenças religiosas e abordagem profissional despreparada (Pessoa *et al.*, 2013). Notou-se em pesquisa desenvolvida por Souza e colaboradores (2022) a relevância da comunicação familiar. Foi observada limitação em se abordar o assunto em determinados nichos familiares por conta de estigmas socioculturais, o que corrobora com a pesquisa anteriormente citada. Mesmo se tratando de futuros profissionais de saúde, o assunto precisa ser abordado de maneira holística, levando-se em consideração o contexto sociocultural no qual os agentes estão inseridos e levando à reflexão sobre sua importância em ser multiplicador de conhecimento (Souza *et al.*, 2022). Dados recentes publicados no Registro Brasileiro de Transplantes (RBT) apontam, inclusive, que com a pandemia da Covid-19, a taxa de não autorização familiar aumentou em relação ao ano anterior, alcançando o número de 42%. Apesar disso, visualiza-se possibilidade de crescimento, o que levaria o Brasil a atingir números maiores de doação por milhão de habitante, já que apesar de sermos o maior sistema de transplantes do mundo, não lideramos

os números (ABTO, 2021b).

Estudantes de enfermagem, em estudo qualitativo realizado por meio de entrevista, apresentaram no seu discurso comentários eticamente pertinentes ao se indagar situações frente ao paciente em morte encefálica. Atitudes que corroboram na formação de profissional crítico, reflexivo, embasado e resolutivo frente a diversos embates vivenciados no ofício (Heliodoro & Rosa, 2019). Todavia, lamentavelmente, também foi relatada na atual revisão indícios de exclusão de possíveis receptores de órgãos, por parte dos acadêmicos de medicina, dentre eles usuários de drogas, etilistas, não doadores, estrangeiros e criminosos. Nas pesquisas, eles não foram maioria, mas a quantidade foi superior em alunos de períodos mais avançados. (Galvão *et al.*, 2007; Santos *et al.*, 2016; Reis *et al.*, 2013).

5. Limitações do Estudo

Faz-se necessários novos estudos que vislumbrem a área da doação de órgãos e tecidos, especialmente no quesito conhecimento sobre o tema, para que seja possível a realização de uma discussão mais aprofundada. Além disso, essa revisão permitiu avaliar apenas estudos disponíveis eletronicamente e de maneira gratuita.

6. Conclusão

Há postura favorável dos discentes de áreas de saúde sobre a doação de órgãos e tecidos, inclusive desejo em se tornar doador em transplantes intervivos ou após a morte. Apesar disso, o conhecimento foi frequentemente relatado e analisado como insuficiente. Como se trata de um tema que envolve preceitos morais e éticos, não é raro encontrar correspondência de limitação da ação por contextos socioculturais, a exemplo de crenças religiosas. Sendo assim, é de suma importância a valorização desse tema nas Universidades brasileiras para que pelo menos os entraves relacionados ao despreparo profissional frente à família do doador e ao conhecimento técnico sejam largamente reduzidos.

Referências

- Agência Senado. (2021, February 2). *Projetos mudam legislação de 24 anos para facilitar doação de órgãos*. Fonte: Agência Senado. Senado notícias. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/02/02/projetos-mudam-legislacao-de-24-anos-para-facilitar-doacao-de-orgaos>.
- Amaral, A. S., Roza, B. A., Galvão, F. H., Jardim, K. M., & Medina-Pestana, J. O. (2002). Knowledge of organ donation among one group of Brazilian professors of medicine. *Transplantation proceedings*, 34(2), 449–450. [https://doi.org/10.1016/s0041-1345\(02\)02591-5](https://doi.org/10.1016/s0041-1345(02)02591-5)
- Araujo, C. & Siqueira, M. (2016). Brazilian Healthcare Professionals: A Study of Attitudes Toward Organ Donation. *Transplant Proc.*, 48(10): 3241-3244, doi: 10.1016/j.transproceed.2016.09.044.
- Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (2019). *Dimensionamento dos Transplantes no Brasil e em cada estado: (2012-2019)*. Registro Brasileiro de Transplantes.
- Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (2020). *Dimensionamento dos Transplantes no Brasil e em cada estado (2013-2020)*. Registro Brasileiro de Transplantes.
- Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (2021a). *Dados numéricos da doação de órgãos e transplantes realizados por estado e instituição no período janeiro/setembro - 2021*. Registro Brasileiro de Transplantes.
- Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (2021b). *Dimensionamento dos Transplantes no Brasil e em cada estado (2014-2021)*. Registro Brasileiro de Transplantes.
- Bispo, C. R.; Lima, J. C. & Oliveira, M. L. C. (2016). Doação de órgãos: uma perspectiva de graduandos de enfermagem. *Revista Bioética [online]*, 24 (2): 386-94, doi: 10.1590/1983-80422016242139.
- Central Estadual de Transplantes de Goiás. (2018). *Manual de rotinas e procedimentos operacionais padronizados da equipe de captação de órgãos de Goiás*. https://www.saude.go.gov.br/images/imagens_migradadas/2016/12/protocolos-central-estadual-de-transplantes-de-goias-1.pdf.
- Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio Grande do Sul. (2018). *Morte encefálica e doação de órgãos (1th ed.)*.
- Costa, J. R.; Angelim, C. G.; Lira, G.G.; Marinho, C. L. A. & Fernandes, F. E. C. V. (2018). Intenção de doar órgãos em estudantes de enfermagem: influência do conhecimento na decisão. *Revista Nursing*, 21(239): 2104-2109.

- Ferrazo, S.; Vargas, M. A. O.; Mancia, J. R. & Ramos, R. F. S. (2011). Crença religiosa e doação de órgãos e tecidos: revisão integrativa da literatura. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 1(3): 449-460.
- Freire, I. L. S.; Dantas, B. A. S.; Gomes, A. T. L.; Silva, M. F.; Mendonça, A. E. O. & Torres, G. V. (2015). Aspectos éticos e legais da doação de órgãos e tecidos: visão dos estudantes de enfermagem. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 5(2): 1594-1603, doi: 10.19175.
- Galvao, F. H. F.; Caires, R. A.; Azevedo-Neto, R. S.; Mory, E. K.; Figueira, E. R. R.; Otsuzi, T. S.; Bacchella, T. & Machado, M. C. C. (2007). Conhecimento e opinião de estudantes de medicina sobre a doação e transplante de órgãos. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 53(5): 401-6, doi: 10.1590/S0104-42302007000500015.
- Heliodoro, E. A. & Rosa, D. O. S. (2019). Aspectos éticos e legais da morte encefálica conhecidos por estudantes de enfermagem. *Enfermagem em Foco*, 10(1): 140-145.
- Hermont, A. P., Zina, L. G., Silva, K. D. d., Silva, J. M. d., & Martins-Júnior, P. A. (2021). Revisões integrativas: conceitos, planejamento e execução. *Arquivos em odontologia*, (1). File:///D:/DOCUMENTOS/Downloads/25571-Texto%20do%20artigo-92014-1-10-20210310.pdf.
- Koerich, M., Nascimento, E. R. P. d., Lazzari, D. D., Perin, D. C., Becker, A., & Malfussi, L. B. H. d. (2021). Elementos facilitadores no processo de doação de órgãos na perspectiva dos profissionais. *Revista Eletrônica de Enfermagem*.
- Lei nº 9434, de 4 de fevereiro de 1997. (1997). Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Lei nº 10.211, de 23 de março de 2001. (2001). Altera dispositivos da Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, que “dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento”. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Lysakowski, S., & Menin, G. E. (2019). Utilização de simulação clínica no ensino sobre terminalidade da vida na enfermagem: relato de experiência. *Revista Docência do Ensino Superior*, 9.
- Martino, R. B.; Guidotte, D. V.; Waisberg, D. R.; Santos, A.G.; Cassenote, A. J. F.; Arantes, R. M., ... Carneiro-D’Albuquerque L. A. (2021). Attitude and knowledge of medical students toward donation after circulatory death. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 67(4): 602-606, doi: 10.1590/1806-9282.20210012.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA Group (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS medicine*, 6(7), e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>.
- Moraes, L. J. A.; Trevisan, G.; Carvalho, D.; Steffani, J. A. & Bonamigo, E.L. (2020). Percepção de estudantes e médicos sobre autonomia na doação de órgãos. *Revista Bioética*, 28 (1): 58-68, doi: 10.1590/1983-80422020281367.
- Moura, K. H. M.; Souza, T. F. & Ribeiro, G. T. F. (2011). Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre a doação de órgãos e tecidos. *Revista de Enfermagem UFPE online*, 5(6): 1353-1361, doi: 10.5205/reuol.1262-12560-1-LE.0503201106.
- Musa, G. N.; Silveira, A.T. ; Rocha, D. F. & Treviso, P. (2020). Processo de doação e transplante de órgãos e tecidos: conhecimentos de acadêmicos de enfermagem, psicologia e serviço social. *Revista de Pesquisa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)*, 12: 1066-1073, doi: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcf.v12.7545>.
- Neto, J. A. C.; Sirimarco, M. T.; Delgado, A. A. A.; Lara, C. M. & Lima, W. G. (2012). Estudantes de Medicina da UFJF e doação de órgãos para transplante. *HU Revista*, 38(1/2): 83-90.
- Passos, C. M. P., Silveira, R. S. d., Lunardi, G. L., Rocha, L. P., & Ferreira, J. d. S. R. (2020). Perfil do potencial doador e a recusa familiar para doação de órgãos. *Research, Society and Development*, 9(3).
- Pessoa, J. L. E.; Schirmer, J. & Roza, B. A. (2013). Avaliação das causas de recusa familiar a doação de órgãos e tecidos. *Acta Paul Enferm.*, 26(4): 323-30, doi: 10.1590/S0103-21002013000400005.
- Reis, F. P.; Gomes, B. H. P.; Pimenta, L. L. & Etzel, A. (2013). Morte encefálica e transplante de órgãos e tecidos: o entendimento dos alunos do curso de Medicina. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, 25(4): 279-283, doi: 10.5935/0103-507X.20130048.
- Resolução CFM nº 1.995/2012. (2012). Conselho Federal de Medicina. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Resolução nº 2.271, de 14 de fevereiro de 2020. (2020). Conselho Federal de Medicina. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Roza, B. d. A., & Schirmer, J. (2021, September 27). Diga sim à vida. Doe órgãos. *Universidade Federal de São Paulo - Unifesp*. Retrieved February 24, 2022, from <https://sp.unifesp.br/noticias/doacao-de-orgaos-2021#quais-os-orgaos-tecidos-podem-ser-doados>.
- Sampaio, J. E.; Fernandes, D. E. & Kirsztajn, G. M. (2020). Knowledge of medical students on organ donation. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 66(9): 1264-1269, doi: 10.1590/1806-9282.66.9.1264.
- Santos, R. J.; Lins, L.; Santos, M. R. C.; Menezes, M. S.; Carvalho, F. A. R. & Carvalho, F. M. (2016). Aspectos éticos dos transplantes de órgãos na visão do estudante de medicina: um estudo comparativo. *Revista Bioética*, 24(2): 344-354, doi: 10.1590/1983-80422016242135.
- Silva, N. O. d., Santos, A. T. F. d., Fonseca, N. H., Figueiredo, A. d. S., Marinho, B. B. O., Bonifácio, F. A. N. ... & Pinheiro, W. R. (2020). Manutenção do potencial doador de órgãos e tecidos: atuação do profissional enfermeiro. *Brazilian Journal of Health Review*, 3(5), 12519-12534. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n5-094>
- Sobrinho, J.D. (2015). Universidade fraturada: reflexões sobre conhecimento e responsabilidade social. *Avaliação*, 20(3): 581-601, doi: 10.1590/S1414-40772015000300002.

Souza, C. C.; Nascimento, E. K. K.; Quadros, A.; Dellanhese, A. P. F.; Lysakowski, S. & Fernandes, M. T. C. (2020). Conhecimento da população brasileira acerca da doação de órgãos e tecidos para transplantes. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (56), e4471. <https://doi.org/10.25248/reas.e4471.2020>.

Souza, D. M.; Souza, V.C.; Matsui, W.N.; Pimentel, R.R.S & Santos MJ. (2022). Opiniões de estudantes de saúde sobre a doação de órgãos e tecidos para transplante. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 75(3): e20210001.

Westphal, G. A.; Filho, M. C.; Vieira, K. D.; Zaclikevis, V.R.; Bartz, M. C. M.; Wanzuita, R. ... Souza, R. L. (2011). Diretrizes para manutenção de múltiplos órgãos no potencial doador adulto falecido: parte I. Aspectos gerais e suporte hemodinâmico. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, 23(3): 255-268, doi: 10.1590/S0103-507X2011000300003.

Westphal, G. A., Garcia, V. D., Souza, R. L., Franke, C. A., Vieira, K. D., Birckholz, V. R., ... Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (2016). Guidelines for the assessment and acceptance of potential brain-dead organ donors. Diretrizes para avaliação e validação do potencial doador de órgãos em morte encefálica. *Revista Brasileira de terapia intensiva*, 28(3), 220–255. <https://doi.org/10.5935/0103-507X.20160049>.